



6º Encontro Internacional de Política Social
13º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Duzentos anos depois: a atualidade de Karl
Marx para pensar a crise do capitalismo
Vitória (ES, Brasil), 4 a 7 de junho de 2018

Eixo: Classe social, gênero, raça, etnia e diversidade sexual.

**HOMENS NOS CUIDADOS: A PERSPECTIVA PROFISSIONAL NA
PROTEÇÃO SOCIAL**

Natalia Maroun¹

Resumo: O presente trabalho apresenta uma investigação acerca das vivências de cuidados de homens pobres no espaço de uma creche comunitária situada no bairro do Rio Comprido - RJ. As análises foram obtidas através de entrevistas com as profissionais atuantes na creche, buscando a investigação da relação destas com os homens cuidadores. Os conflitos encontrados nesta relação foram evidenciados, principalmente, através da ambiguidade do sentimento profissional em relação às masculinidades nos cuidados e a estética feminina do campo, dentre outros. A relação entre homens cuidadores em instituições propulsoras de cuidados poderá resgatar uma perspectiva de ampliação do debate de gênero, contribuindo para políticas sociais mais democráticas nesta esfera.

Palavras-chave: Homens; Masculinidades; Cuidados; Proteção social.

**MEN IN CARE: THE PROFESSIONAL PERSPECTIVE ON SOCIAL
PROTECTION**

Abstract: This paper presents an investigation about the experiences of caring for poor men in a community day care center located in Rio Comprido neighborhood. The analyzes were obtained through interviews with professionals working in the day care center, seeking to investigate their relationship with the caregiver men. The conflicts found in this relationship were evidenced, mainly, through the ambiguity of the professional feeling regarding the masculinities in the care and the feminine esthetics of the field, among others. The relationship between caregivers in caring institutions can help to broaden the gender perspective by contributing to more democratic social policies in this area.

Keywords: Men; Masculinities; Care; Social protection.

Introdução

Este trabalho versa sobre os resultados alcançados em pesquisa desenvolvida para dissertação de mestrado (defendida em 2015 pelo programa de Pós-Graduação em Política Social da UFF), na qual buscou-se investigar as práticas de cuidados vivenciados por homens pobres, sob a perspectiva de profissionais atuantes em uma creche comunitária situada no bairro do Rio Comprido - Rio de Janeiro. A análise da relação entre paternidade e as profissionais envolvidas neste espaço serviu para a reflexão acerca das práticas interventivas no campo da Proteção Social, uma vez que estas refletiram ambiguidades e conflitos presentes nas relações de gênero (CARLOTO, 2006; BARBOSA, 2013). A elucidação de “velhas” e “novas” configurações masculinas na

¹ Mestre em Política Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

esfera dos cuidados (LYRA, 2003) poderá possibilitar uma ampliação do debate de gênero, contribuindo para o estreitamento da relação entre homens/masculinidades e proteção social e, conseqüentemente, para a construção de políticas sociais mais democráticas neste campo.

A presença de homens em um espaço que remete aos cuidados de crianças pequenas merece atenção, uma vez que, para Freitas et al. (2009) ainda é nítido o reforço concedido às mulheres em relação à responsabilidade pela maternidade. Nos locais onde o cuidado é o propulsor das relações familiares, tais quais as creches comunitárias, a questão simbólica da mulher, seu significado e centralidade na família reforçam as críticas em relação à necessária perspectiva de gênero nas políticas sociais. Sendo assim, tais políticas podem estar reforçando estes estereótipos, na medida em que ainda há uma responsabilização das mulheres pelos cuidados (CARLOTO, 2006). Ao mesmo tempo, os homens permanecem sem o “peso” dessa responsabilidade, podendo estar sendo invisibilizados das discussões de gênero no âmbito das políticas sociais (BARBOSA, 2013).

O lócus da pesquisa em questão, a creche comunitária, configurou-se como importante referência institucional de Proteção Social, sobretudo devido à presença de uma gama diversificada de comunidades distintas presentes na região, e uma carência de programas e políticas socioeducativas destinadas a esta classe social. Escolas, clínicas da família, CRAS, dentre outros dispositivos símbolos da rede de Proteção Social acessados pela população de baixa renda fizeram parte das observações de pesquisa, de modo a tecer com maiores detalhes a “atmosfera” onde foi realizado o campo.

Visando analisar os conflitos e ambigüidades presentes na relação entre homens pobres cuidadores e profissionais do campo da educação infantil, como metodologia de estudo, foram realizadas, além da observação participante, entrevistas com 6 funcionárias da creche comunitária (todas mulheres): a diretora pedagógica, a coordenadora e professora pedagógica, a assistente social, a técnica de enfermagem e duas recriadoras.

Vale destacar que, a época de realização da pesquisa, todas as profissionais eram mulheres, com exceção do professor de capoeira. Ressalta-se que algumas profissionais entrevistadas mencionaram certa resistência da creche comunitária na contratação de funcionários homens. Tal resistência evidenciará uma tendência de feminilização do campo pesquisado, sendo visível em sua estética e nos conflitos e ambigüidades presentes na relação destas profissionais com os homens que cuidam.

Assim, este trabalho se divide nas seguintes partes: em um primeiro momento, será abordada a construção social masculina e seu distanciamento em relação à esfera dos cuidados. A partir do segundo subitem, adentra-se mais profundamente à pesquisa realizada, apontando os conflitos e ambiguidades das profissionais em relação aos homens cuidadores. No terceiro subitem discute-se acerca da estética feminina do espaço de pesquisa e o confronto possível de tal estética com o masculino. A maneira como as profissionais enxergam os homens que assumem os cuidados será discutida no quarto subitem. O último ponto a ser discutido refere-se às imagens de homens e mulheres na visão das profissionais e o impacto destas nas relações de cuidados. Por fim, as análises debatidas serão retomadas para as considerações finais.

Masculinidades e cuidados: uma distância construída

A resistência na contratação de profissionais homens na educação infantil, evidenciada nas falas das profissionais entrevistadas, já foi debatido por Taylor (2012). Neste debate, a autora analisa uma possível limitação de profissionais homens por conta da suposição que os mesmos não conseguiriam executar determinadas tarefas como trocar fraldas ou dar banhos, e até mesmo nas brincadeiras com as crianças, pois tais ações poderiam causar interpretações de conotação sexual abusiva por parte das famílias. Para ilustrar esta questão, Medrado e Lyra (2008) vem discutindo que conceder ao homem uma imagem, exclusiva, de força e virilidade e, até mesmo, a associação intrínseca do masculino com a questão da violência, pode estar distanciando os mesmos de determinados espaços institucionais de cuidados, como as creches comunitárias.

Isso pode ser mais bem compreendido a partir da leitura de Welzer-Lang, (2001), ao refletir acerca da construção do modelo masculino hegemônico que é estruturado a partir de imagens hierarquizadas da relação entre homens e mulheres. Isso porque para que os homens mantenham-se em posição dominante na sociedade é preciso que eles combatam aspectos que os associem às mulheres. Para isso, a demonstração de virilidade, como exemplo, é uma maneira simbólica de representação de privilégios dos homens, pois aqueles que não possuem esta característica correm o risco de serem associados às mulheres. Para ilustrar esta questão, Bourdieu (1999) argumenta que a virilidade tem uma concepção relacional na medida em que é construída diante de outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade. A masculinidade - e, portanto, a virilidade - é um

ideal a ser conquistado pelos homens, e alcançá-la irá distinguir os “grandes homens” dos “pequenos homens” (WELZER-LANG, 2011).

Durante as entrevistas na creche comunitária, as profissionais verbalizaram grande carinho em relação à presença masculina nos cuidados, uma vez que para elas, era nítido o “domínio” de mulheres atuantes na creche. Segundo Medrado et al (2005), no contexto do cuidado infantil ainda se espera da mulher que ela desempenhe seu papel de mãe de maneira maravilhosa enquanto que em relação aos homens este cuidado resume-se ao plano financeiro, estando eles, muitas vezes, isentos pela sociedade dos cuidados de crianças. Não à toa, percebe-se que nessa fala elogiosa das profissionais em relação aos homens cuidadores que ocupavam esse espaço, há uma concepção de que os cuidados masculinos seriam uma espécie de “trabalho extra” executado por eles e, por isso, eles estariam sendo mais valorizados em relação aos cuidados femininos.

Neste ponto, o desafio em associar homens e cuidados pode ser notado a partir da relação entre homens e trabalho. Para Sarti (2005) a moral do trabalho em famílias pobres adquire significados distintos entre homens e mulheres. Neste caso, o trabalho provedor seria função do homem, ou seja, ir além disso é fazer “mais” do que é esperado de um homem. O mesmo não é verdade em relação às mulheres. Estas têm a função primordial de cuidar das crianças e da casa. Isto não significa que a mulher não exerça trabalho remunerado, mas o trabalho dela é sempre referido, em primeiro plano, ao universo familiar. A autora aponta ainda que o trabalho da mulher não é, obrigatoriamente, um meio de afirmação individual, como ocorre no caso do homem.

Para exemplificar como a construção masculina “esbarra” na relação de cuidados exercidos por homens, foi identificado pelas profissionais entrevistadas que os pais possuem interesse, principalmente, na questão do comportamento das crianças na creche. Isto sugere que os homens tendem a apresentar uma educação mais disciplinadora e autoritária em relação às crianças, o que pode ter ligação com a construção do masculino. Neste ponto, vale frisar que a figura masculina em famílias pobres ainda parece ter representação de maior autoridade do que a mãe na educação dos filhos. Essa preocupação com o comportamento e a agressividade dos filhos, principalmente os meninos, nos remete à “casa dos homens” no qual os homens mais velhos irão transmitir valores de masculinidades (WELZER-LANG, 2011). Os homens buscam corresponder a esse ideal de virilidade que é construída diante de outros homens e para outros homens (BOURDIEU, 1999). Neste sentido, não é à toa que percebemos a maior preocupação dos

pais em relação ao comportamento e agressividade dos seus filhos homens. Os códigos de masculinidades devem ser repassados pelos homens mais velhos e, mais do que isso, os meninos vão aprendendo a ser disciplinados e a corresponder a essa conduta para alcançarem o privilégio de poder que os homens exercem sobre as mulheres.

Esse privilégio de poder está disfarçado na autoridade do homem em relação à sua família, ou seja, a chefia da casa. Para Sarti (2005), o termo chefia diz respeito aos espaços públicos que, historicamente, os homens ocuparam e, portanto, a autoridade e responsabilidade serão refletidas no comportamento em relação à família. Para Giffin (1998) o homem permaneceu simbolicamente importante para os filhos como representante da autoridade e da lei.

Nos próximos itens que seguem, serão abordados os conflitos, ambiguidades e contradições encontradas na pesquisa em relação às profissionais entrevistadas e os homens que cuidam no espaço da creche comunitária.

Conflitos e ambiguidades profissionais em relação a homens cuidadores

No que tange à pesquisa realizada, algumas profissionais relataram que acreditam que os homens se sintam confortáveis em falar e questionar sobre seus filhos, embora no decorrer das falas tenham sido observadas algumas tensões geradas pela presença masculina na creche. Quando questionadas, por exemplo, em relação à forma como a creche recebe os homens, em praticamente todos os relatos das profissionais de educação infantil notou-se o discurso de que a escola se apresenta sempre aberta e solícita à presença masculina.

Entretanto, no decorrer das entrevistas, algumas profissionais foram se “dando conta” (embora não tenham verbalizado essa questão diretamente) de que, sutilmente, atuando em sua prática profissional, acabam por reforçar a creche como um espaço de identificação profissional maior em relação às demandas das mulheres. Desse modo, embora as profissionais relatassem que estavam sempre abertas à presença masculina, contraditoriamente, elas assumiram uma maior identificação com as mulheres, evidenciando certo desconforto no trabalho com homens.

Assim, quando o homem se apresenta com questionamentos em relação ao desenvolvimento do filho, cumpre os horários e consegue se entender na comunicação com a escola sem o auxílio da mãe, estas características tendem a causar espanto, estranheza e surpresa por parte das profissionais, pois tais comportamentos não foram

historicamente construídos como masculinos. No entanto, após este “estranhamento” inicial, as profissionais parecem demonstrar grande admiração quando os homens se apresentam como cuidadores, sobretudo em relação àqueles que cuidam sem a presença feminina. Isso porque um pai, cuidando sozinho de crianças e, conseqüentemente, estas sendo criadas sem a presença da mãe, tende a gerar uma “comoção” muito maior do que as famílias monoparentais femininas, que são naturalizadas pelas profissionais.

Essa polaridade entre “estranhamento e admiração” acaba por criar uma espécie de “rede de solidariedade” das profissionais em relação a esses homens, pois sensibilizadas quanto à falta da presença da mãe, elas tentam, de alguma forma, “compensar” este pai. Isto pode ser evidenciado quando, muitas vezes, as profissionais da creche acabam executando determinadas tarefas com as crianças no lugar dos homens por acreditarem que eles, sem a presença da mãe, não conseguiriam realizar. Como exemplo, as profissionais verbalizaram que quando há festas na creche é comum, que elas vistam, penteiem e arrumem determinados acessórios para crianças que são filhas de homens cuidadores (tal processo é todo designado às famílias), por achar que eles, sozinhos, não irão conseguir fazer (MAROUN, 2015).

Este fato sugere que os homens cuidadores tendem a desencadear, em relação às profissionais, portanto, um sentimento ambíguo: se, por um lado, eles podem causar certa estranheza por estarem em um papel historicamente concedido às mulheres, por outro, estas mesmas profissionais tendem a ter profunda admiração e solidariedade para com os mesmos. Isto demonstra que as profissionais, além de ainda vincularem a responsabilidade dos cuidados às mulheres, tendem a “supervalorizar” os homens cuidadores por acreditarem que, em relação aos cuidados, eles estariam executando um trabalho “extra”, do qual não teriam tanto conhecimento e, por isso, deveriam ter ajuda, “coincidentemente” de profissionais mulheres (MAROUN, 2015).

Neste sentido, a invisibilidade dos homens observada na assistência social e notada na ausência de articulação entre pobreza masculina e proteção social (BARBOSA, 2013), se desenhará em outro extremo no campo da educação infantil, onde o homem cuidador estaria sendo “supervalorizado” pelo sentimento de admiração causado entre as profissionais. Ambos os campos sugerem uma forte limitação das análises de gênero e desafiam perspectivas de políticas sociais igualitárias no que concerne esta temática.

A estética feminina do campo: confronto com homens cuidadores

Outro ponto importante a ser levantado em relação aos homens cuidadores e as profissionais da creche comunitária é a estética feminina deste espaço. Para exemplificar uma espécie de feminilização do espaço, Lyra et al. (2003) discute que ainda assiste-se a uma dada cobrança de que o cuidado esteja presente no “universo feminino”, mesmo quando as mulheres são ainda crianças. Isso pode ser evidenciado quando há um incentivo às brincadeiras de bonecas em relação às meninas e de brincadeiras de rua e que exigem maior esforço físico no caso dos meninos, o que reproduz uma espécie de feminilização das relações de cuidados (LYRA et al., 2003).

Assim, pode-se dizer que esta estética feminina poderia gerar uma espécie de confronto com a masculinidade, uma vez que a sutileza dos símbolos femininos presentes na creche comunitária reafirma o espaço como destinado às mulheres. Esta estética pode ser evidenciada, por exemplo, na forte presença de bonecas, tanto nas salas de aula quanto nas salas administrativas, além das flores, purpurinas e coloridos presentes em toda a decoração da creche comunitária.

Desse modo, uma vez que os cuidados estariam constituídos através dos símbolos femininos, e, conseqüentemente, distante de um ideal de masculinidade que, em essência, deve combater o que é associado às mulheres (WERLZER-LANG, 2011), isto pode favorecer um distanciamento dos homens em relação aos cuidados com crianças.

Neste sentido, a estética feminina do campo pesquisado pode se apresentar como um desafio no que se refere à atuação profissional com os homens no âmbito escolar. Isso porque, os símbolos permeados pela masculinidade hegemônica, (WELZER-LANG, 2011) o que inclui a visão de autoridade e agressividade, e a intrínseca relação do homem com a questão da violência (MEDRADO; LYRA, 2008) pode estar influenciando a atuação profissional, na medida em que esses ambientes têm em seu quadro de funcionários somente mulheres.

A estética feminina da creche citada é um dado apontado pelas profissionais como um “dificultador” à entrada dos homens, sobretudo devido à possibilidade de constrangimentos possíveis em relação ao pai quando se depara somente com mulheres. Assim, a ausência de profissionais homens poderia estar impactando o comportamento dos homens cuidadores dentro do espaço da creche. Afinal, se o ambiente escolar tivesse maior presença de profissionais masculinos, os homens se portariam da mesma maneira? A estética feminina estaria sendo mais confortável aos homens, pois eles se sentiriam mais à vontade sem a presença de outros homens?

Seguindo essa reflexão, é possível questionar se os homens não teriam mais facilidade em exercer uma dominação em ambientes no qual é visível uma estética feminina. Vale ressaltar que a característica de autoridade e agressividade foi muito vinculada aos homens nas falas das profissionais na creche comunitária, evidenciando que a dominação masculina (BOURDIEU, 1999) gera níveis hierárquicos de poder dos homens em relação às mulheres.

Não por acaso, foi possível identificar que as profissionais não se sentiam muito confortáveis com as demandas dos homens, apresentando uma maior “reserva” e, de certo modo, um medo maior quando questionadas pelos pais. Porém, isso não ocorria com as demandas de mães, pois as profissionais pareciam ter maior identificação com as mesmas, pois “falavam a mesma língua” com elas.

O fato das profissionais demonstrarem maior conforto em trabalhar com as mulheres pode ser um desafio para se pensar estratégias que visem estimular o homem nos espaços de cuidados. Se a identificação feminina é maior com a figura da mulher (o que é compreensível dado a presença histórica das mulheres no espaço privado), isso pode estar impossibilitando que sejam conhecidas formas de cuidados masculinos. Assim, esta estética profissional pode estar colaborando para invisibilizar formas de cuidados masculinos, uma vez que os homens precisam estar sendo incentivados a elaborar melhor sobre essa vivência. E não existe só uma forma de cuidar. Crepaldi et al. (2006) definirá, por exemplo, que a participação dos homens no cuidado tende a se expressar em práticas conjuntas, como brincar, passear, etc, o que pode não ser reconhecido pelas mulheres como práticas de cuidados, pois este teria o peso de responsabilidade muito maior para elas do que tais tarefas praticadas pelos homens. Evidentemente que o “fardo” dos cuidados teve (e ainda tem) um peso muito maior para as mulheres (principalmente as negras e pobres). Por isso, possivelmente, a identificação lúdica na relação masculina com crianças pequenas, portanto, muito mais “leve” do que a feminina, pode não estar sendo reconhecida pelas profissionais como, de fato, cuidados.

Entretanto, esta invisibilidade em relação aos “leves” cuidados de homens pode estar colaborando para uma espécie de “padrão feminino do cuidado”, uma vez que as vivências masculinas nesse processo podem estar sendo obscurecidas pela estética profissional, que tende a reconhecer os cuidados pela ótica feminina. Nesse sentido, as práticas dos homens precisam ganhar mais espaço no âmbito profissional de cuidados, o que possibilitaria uma maior articulação de políticas sociais que resgatem a perspectiva

do homem no espaço da família, ainda que seja evidente que o “peso” dos cuidados precisem ser mais equilibrados no que tange às dimensões de gênero.

A entrada dos homens na creche: uma opção pela ausência de cuidados da mulher?

As razões que levaram as profissionais a considerar determinados homens presentes na creche como, de fato, cuidadores foram variadas: busca e/ou traz na creche, conversa com as professoras, atende ao que é solicitado, telefona, demonstra carinho, escreve na agenda (meio de comunicação entre a escola e a família), demonstra conhecimento sobre o filho, comparece as reuniões, questiona sobre o filho na creche. Porém, embora as justificativas de cuidados apontados pelas profissionais da instituição possam variar a representação do cuidado masculino em si é identificada de maneira semelhante entre elas.

Nesta perspectiva, podemos dizer que as relações de cuidados masculinos, no entendimento das profissionais, não se apresentaram de maneira tão subjetiva assim. Desse modo, o cuidado tem produções objetivas, práticas e visíveis aos olhos dos outros. Exerce cuidado quem segue determinadas representações claras, normas já estabelecidas pela sociedade (MAROUN, 2015). Para Rodrigues et al (2008) o cuidado humano deveria constituir-se num imperativo moral, da atitude ética, em que seres humanos percebem e reconhecem os direitos uns dos outros. Assim, a crescente entrada dos homens no âmbito escolar foi apontada na grande maioria das falas das profissionais entrevistadas. Para os homens, tudo que há nesses espaços, os símbolos, o espaço físico, a presença nas reuniões, os bilhetes na agenda, o buscar e levar, a comunicação com as professoras, o olhar atento, o conhecimento do cotidiano da escola, o aprendizado e desenvolvimento da criança, o medicar, o alimentar, o “bajular” dentre tantas outras coisas é um conhecimento ainda muito recente para o homem (MAROUN, 2015). Para Silva e Picinini (2007) o interesse pelo estudo do papel do pai e de sua importância no desenvolvimento infantil é relativamente recente. Para Bustamente (2005) os homens vêm expressando desejos de “aprender” a serem pais mais próximos aos filhos.

Desse modo, por ainda estarem construindo seus espaços na arena dos cuidados, os homens tendem a estar mais abertos a um “novo” aprendizado, pois este caminho ainda não foi percorrido por eles. Para as mulheres, este caminho, já largamente percorrido,

estaria historicamente e moralmente definido, sendo elas as detentoras de um “natural saber” incontestável institucionalmente. Segundo Faleiros (2013) a ética do cuidado pode ser encarada na maneira como as mulheres “aprenderam” a corresponder moralmente as suas demandas femininas, estas tão associadas ao mundo afetivo-emocional e, portanto, ao olhar sensível ao outro. Diferentemente dos homens, onde a sua ética esteve associada ao mundo público do direito, e, por isso, a realização pessoal, a autonomia, a conquista individual. Cabe ressaltar que, para as mulheres pobres (e negras) esse caminho foi percorrido ainda mais arduamente.

Entretanto, uma tensão observada no campo através das entrevistas com os profissionais é a da relação de cuidados exercida pelos homens estarem diretamente vinculada (ou não) a ausência de cuidados das mulheres. Enquanto algumas profissionais afirmam que, de fato, na maioria dos casos, os homens passam a exercer cuidado pela opção de ausência de cuidados das mulheres, há outras profissionais que acreditam que os cuidados masculinos podem ser sim, uma opção.

As profissionais relataram que há uma tendência, nos casos de homens que assumem os cuidados (principalmente nos casos de monoparentalidade masculina) de culpabilização da mulher pelo não cuidado. Inversamente proporcional, o cuidado masculino estaria associado ao descuido da mulher: homens cuidam mais quando mulheres cuidam menos.

Assim, quando os homens resolvem cuidar eles procuram deixar claro que estão “abrindo mão de alguma coisa”. Isto é, o cuidado se apresenta para eles como um “fardo”, o que não ocorre com frequência nos discursos das mulheres. Desse modo, mesmo que os cuidados tenham um peso para as mulheres, tanto estas quanto as profissionais não concebem estas relações como um “fardo” para elas (mesmo que sejam) no caso como ocorre com os homens.

Falas dos homens do tipo “a mãe não faz, a mãe não viu, a mãe não quer saber” são muito presentes no ambiente escolar. Entretanto, é importante ressaltar que o profissional não deve atuar de maneira a reafirmar esta responsabilização e culpabilização reproduzida nas falas dos homens, mas sim na busca por estratégias profissionais que estimulem o homem à esfera dos cuidados e que, portanto, desconstruam este estigma. De mesmo modo, não se pode desconsiderar profissionalmente a existência de homens que possam, por sua própria vontade, tomarem para a si a responsabilidade do cuidado,

afinal essas práticas, como apontado pelas profissionais, também são existentes e não devem ficar invisíveis.

A existência dessa contradição em relação ao homem que cuida, se dá, para Silva e Picinini (2007), na medida em que a paternidade tradicional (do homem provedor) esbarra na visão de um “novo” pai que, contraditoriamente, não corresponde aos discursos que dizem respeito à masculinidade. Assim, podemos dizer que tanto nos casos dos homens que culpabilizam a mulher pelo não cuidado quanto nos casos de delegação dos cuidados por parte dos mesmos, há uma nítida dificuldade masculina em se assumir enquanto cuidador. Se os homens não se assumirem como tal podem estar contribuindo para uma invisibilidade nas práticas de proteção e, conseqüentemente, podem também estar se tornando sujeitos “invulneráveis” frente às formulações das políticas sociais, pois eles tendem a não se identificarem como objetos de tais políticas.

A imagem da mulher guerreira x a imagem do homem “tradicional”

Outra questão que influencia na relação entre gênero e cuidados pode estar na visão simbólica de papéis de homens e mulheres. Quando questionadas sobre o que pensam sobre “ser mulher”, as profissionais apontaram a imagem da heroína autossuficiente, que tudo suporta que só depende dela para vencer os obstáculos. Esta imagem ligada à figura da mulher pode ser outro desafio para se pensar nas questões de gênero nas políticas sociais. Afinal, se a imagem da mulher está associada à resistência, enfrentamento e superação, ela se torna sujeito ideal para o sucesso das políticas de proteção. Porém, esta imagem é também contraditória, uma vez que os símbolos femininos ainda possuem uma conotação de fragilidade e passividade (MUNIZ, 1992). Sendo assim, as políticas sociais podem permanecer se sustentando na mulher como foco de seus atendimentos.

Para Carloto (2006) os profissionais têm atuado em atenção direta às mulheres sendo estas o foco dos programas de combate à pobreza. Neste sentido, reforça a família como lugar do feminino podendo reafirmar papéis tradicionais de gênero que podem se configurar como obstáculo à cidadania das mulheres pobres. Uma “essencialização” da imagem feminina que, ao mesmo tempo em que “valoriza a mulher” não implica em transformações sociais de gênero, pois de algum modo reafirma o papel tradicional da mulher vinculado à maternidade. Além disso, a centralidade na mulher-mãe reforça

estereótipos colocando como natural a condição da mulher de boas cuidadoras no espaço doméstico/privado (CARLOTO; MARIANO, 2008).

Por outro lado, quando questionadas sobre o que pensam sobre “ser homem”, as profissionais tiveram mais dificuldade em suas falas e, na maioria dos casos, apresentaram uma imagem estigmatizada e “tradicional” do homem (como expressões do tipo “galanteador” e “sedutor”). O interessante nestes relatos é que, diferentemente do que ocorre na visão das profissionais em relação às mulheres, cujos discursos de cuidados são naturalmente direcionados a elas, não é a imagem de um pai cuidador que elas relatam quando falam a respeito dos homens. Ao contrário, elas reproduzem imagens “tradicionalistas” masculinas, mesmo relatando que convivem com realidades que diferenciam os homens desses estereótipos, como no caso dos homens cuidadores. Essa contradição observada no âmbito profissional pode denunciar a dificuldade das mulheres em lidar profissionalmente com a figura masculina, tendo em vista que elas reproduzem em seus discursos uma imagem pejorativa de “ser” homem. Como aponta Barbosa (2013) no âmbito da assistência social, o espaço da creche também pode estar traçando um olhar de desqualificação em relação ao homem, na medida em que se nota um estigma da masculinidade hegemônica vinculado ao homem na visão das profissionais. Outra imagem do homem também presente nas falas das profissionais entrevistadas que embora não tenha um sentido pejorativo também contempla uma imagem tradicional de masculinidade, é a visão do homem protetor. Este olhar está fortemente presente, mesmo em relatos que apontem a necessidade de compartilhamento entre o casal.

Considerações Finais

Retomando algumas considerações apontadas na pesquisa, em relação aos questionamentos sobre maternidade e paternidade, embora as profissionais verbalizem que não existe grande diferença entre os dois, a “romantização” e idealização da maternidade se apresentam de maneira muito latente nas falas. A paternidade aparece, na maioria dos relatos, como um suporte à maternidade, além das profissionais apresentarem maior dificuldade em caracterizá-la. Neste sentido, as características apontadas em relação à paternidade tendem a ser muito pontuais diferentemente do que ocorre quando as profissionais são questionadas em relação à maternidade.

Ao mesmo tempo em que a visão da paternidade ainda é algo pouco elaborada pelas profissionais, embora elas relatem um carinho e admiração pela presença paterna

no âmbito escolar, a visão masculina estereotipada (e desqualificada) também aparece muito fortemente na visão das profissionais de “ser” homem. Essa tensão gerada por visões profissionais tão pejorativas em relação aos homens poderão estar dificultando a imagem do homem no papel de pai e, conseqüentemente, na esfera dos cuidados.

Entretanto, nota-se nas entrevistas com as profissionais certa dificuldade da creche em trabalhar com as questões de gênero de maneira mais aprofundada. Notou-se entre os profissionais da educação, certa reserva em falar sobre as questões de gênero, como se essas questões não fizessem parte do âmbito escolar, não fosse “lugar comum” para esses profissionais. Assim, embora seja reconhecido que existe a necessidade de se reconhecer estratégias e discussões de gênero no âmbito escolar, as profissionais “saem pela tangente” demonstrando pouca habilidade para trabalhar com questões vinculadas a essa temática.

Outro ponto abordado foi uma espécie de insegurança, cobrança e, de certo modo, medo das profissionais da creche comunitária quando estas atuam com familiares homens, o que pode estar contribuindo para uma limitação das masculinidades na proteção social. Por outro lado, normalmente isso não ocorre quando atuam com mulheres, pois segundo as profissionais “falam a mesma língua” com elas e, muitas vezes, transferem as suas experiências de cuidados femininos (e maternos) para o âmbito profissional.

A tensão gerada entre homens e profissionais foi identificada através da relação entre cuidados e a visão de “ser” homem (ainda permeada pelo modelo masculino hegemônico). Quando foram questionadas sobre o que pensam sobre ser homem as profissionais reproduziram, na maioria das vezes, uma visão tradicional de masculinidade e, portanto, distante das relações de cuidados, mesmo elas tendo identificado homens cuidadores e relatarem grande carinho com a presença paterna no espaço escolar. Neste olhar contraditório, inclui-se a visão de autoridade e agressividade por parte dos homens, o que de alguma forma acaba impactando a atuação das profissionais.

Se na visão profissional, o olhar sobre os homens ainda é permeado pelo modelo hegemônico, isso pode estar se sobressaindo às formas de cuidados masculinos, impossibilitando que estas sejam reconhecidas e valorizadas. A dificuldade profissional maior em lidar com os pais do que com as mães, pode estar contribuindo para a reprodução de uma feminilização do cuidado e, portanto, uma desresponsabilização e invisibilidade de práticas de cuidados masculinos.

Ao mesmo tempo em que as profissionais relataram gostar muito da presença masculina na creche, foi identificado uma espécie de naturalização em remeter os cuidados sempre às mulheres. Aliado a isso, considera-se que a estética feminina do campo reforça a creche como um espaço não só de demandas de mães e de trabalhadoras mulheres, mas de uma estética feminina. Assim, a entrada de homens nos cuidados de crianças pequenas pode estar sendo limitada não só pela atuação profissional, mas pela “atmosfera” do espaço que reproduz símbolos construídos como femininos.

O sentimento ambíguo tão presente entre as profissionais, ora de espanto, surpresa e estranhamento quando, num primeiro momento, se deparam com homens com questionamentos e demandas normalmente femininas, ora de admiração, após o estranhamento inicial, em relação aos homens que cuidam, reflete o quanto as profissionais ainda veem os homens distantes das relações de cuidados, pois foi identificada uma “comoção” profissional muito maior em relação às famílias monoparentais masculinas do que as famílias monoparentais femininas (muito mais numerosas). Isso sugere o quanto às mulheres ainda são responsabilizadas pelos cuidados com os filhos e culpabilizadas quando optam por não cuidar. Assim, permeadas pelo ideário de que os homens não sabem cuidar, as profissionais acabam por compensar este suposto “déficit” masculino, criando uma “rede de solidariedade” na própria instituição que tende a acolher o pai, principalmente se há ausência materna nos cuidados. Desse modo, o homem cuidador estaria sendo “supervalorizado” pelas profissionais, impactadas pelo sentimento de admiração pelos homens que exercem esse papel.

Por fim, observa-se que os cuidados tendem a ser identificados a partir da ótica de construção feminina, uma vez que as mulheres foram (e ainda são) as principais protagonistas nesta esfera. Neste sentido, é necessária uma reflexão que aponte para a existência de outras práticas que podem não estar sendo reconhecidas (e, conseqüentemente, inseridas nas políticas sociais) como formas de cuidados. Assim, a invisibilidade de práticas diferenciadas de cuidados poderá estar reforçando uma ausência dos homens pobres nas políticas sociais e naturalizando o papel da mulher nesse âmbito.

Referências

- BARBOSA, Daguiomar de Oliveira. **Masculinidades, gênero e pobreza: o lugar dos homens e do masculino na Proteção Social Básica de Niterói/RJ**. 2013. Dissertação (Mestrado em Política Social)-Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BUSTAMENTE, Vânia. Ser pai no Subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. **Rev. psicologia em estudo**, Salvador, 2005.
- CARLOTO, Cássia Maria, MARIANO, Silvana. A família e o foco nas mulheres na política de assistência social. **Rev. Sociedade em Debate**, Pelotas, 2008.
- CARLOTO, Cássia Maria. Gênero, políticas públicas e centralidade na família. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 86, 2006.
- CREPALDI, Maria Aparecida, et al. A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. **Rev. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, 2006.
- FALEIROS, Vicente de Paula. Desafios de cuidar em Serviço Social: uma perspectiva crítica. **Rev. Kátal**, Florianópolis, v. 16, 2013.
- FREITAS, Rita de Cássia Santos, BRAGA, Cenira Duarte, BARROS, Nívia Valença. Política Social, famílias e gênero: temas em discussão. **Argumentum**, Vitória, v. 4, n. 2, 2012.
- GIFFIN, K. Exercício da paternidade: uma pequena revolução. In: SILVEIRA, P. (Org.). **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LYRA, Jorge et al. Homens e cuidado: uma outra família. In: ACOSTA, A. R. e VITALE, M. A. F. (Org.). **Famílias: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: IEE; PUC, 2003.
- MAROUN, Natalia. **Homens e masculinidades na perspectiva do cuidado: o desafio da ótica de gênero na proteção social**. 2015. Dissertação (Mestrado em Política Social)-Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- MEDRADO Benedito et al. Homens jovens no contexto do cuidado: leituras a partir da paternidade na adolescência. In: ADORNO, R.; ALVARENGA, A.; VASCONCELOS M. P. (Orgs). **Jovens, trajetória, masculinidades e direitos**. São Paulo: Edusp, 2005.
- MUNIZ, Jacqueline. Feminino: a contorvêrsia do óbvio. **Physis**, Rio de Janeiro:IMS/UERJ, v. 2, n. 1, 1992.
- RODRIGUES, Maísa Paulino, LIMA, Kenio Costa de, RONCALLI, Ângelo Giuseppe. A representação social do cuidado no programa saúde da família na cidade de Natal. **Rev.Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, 2008.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 3. ed. São Paulo: Cortez. 2005.

SILVA, Milena da Rosa, PICCINNI, Cesar Augusto. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, 2007.

TAYLOR, Alice. Um estudo de caso sobre homens que se envolvem em papéis de cuidado. In: INSTITUTO PROMUNDO; INTERNACIONAL CENTER FOR RESEARCH ON WOMEN (Orgs.). **Homens que cuidam**: um estudo qualitativo multipaís sobre homens em papéis não tradicionais de cuidado. 2012.

WELZER-LANG, Daniel. A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, 2001.

YASBEK, Maria Carmelita. Serviço Social e Pobreza. **Rev. Katál.**, Florianópolis v. 13 n. 2, 2010.